

Vol 6 Issue 8 May 2017

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Manichander Thammishetty
Ph.d Research Scholar, Faculty of Education IASE, Osmania University, Hyderabad.

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinteau Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMAR LAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V. MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S. KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept. English, Government Postgraduate College , solan

More.....



AS INTERFACES DO TRABALHO NAS METAMORFOSES DO CAPITALISMO

Rosângela de Oliveira Araújo¹, Karla Patrícia Palmeira Frota²,
Ariadna Nunes Aguiar³, Adiel Costa Batalha⁴ and Maridalva Varela da Silva⁵

¹Especialista em Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável, pela FSDB.

²Doutoranda em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela UFAM .

³Pós-graduanda em Docência do Ensino Superior, pela UNOPAR.

⁴Graduado em Ciências Aeronáuticas, pela UNISUL.

⁵Especialista em Educação Especial e Inclusiva, pelo IESAP.

ABSTRACT

Studies show that society has metamorphosed itself, and in this context also, the work and its relations have been transformed, adapting itself to the reality in which it is inserted, contradictorily. In this sense, we chose the categories formal and informal work and, from them, we sought to glimpse the conditions in which the worker is inserted in that context. In order to contemplate this proposal, theoretical support was sought in different authors as Marx (2004), Pochmann (2000), Prado Júnior (1998), Scherer (2005), Singer (2003), and others, to contextualize the problematic of work in the capitalist world, especially those scholars who have highlighted interest in the condition of precarious work.

KEYWORDS: Society; Work; Capitalism.

RESUMO

Estudos apontam que a sociedade metamorfoseou-se e neste bojo também, transformou-se o trabalho e as suas relações, adequando-se à realidade na qual está inserido, contraditoriamente. Neste sentido, elegemos as categorias trabalho formal e informal e, a partir delas, buscou-se vislumbrar as condições nas quais o trabalhador está inserido nesse contexto. A fim de contemplar tal proposta, buscou-se

suporte teórico em distintos autores como Marx (2004), Pochmann (2000), Prado Júnior (1998), Scherer (2005), Singer (2003), entre outros, para contextualizar a problemática do trabalho no mundo capitalista, principalmente aqueles estudiosos que tenham destacado interesse voltado para a condição do trabalho precarizado.

Palavras-Chave: Sociedade. Trabalho. Capitalismo.

INTRODUÇÃO

Há muitos anos, o capital vem se apresentando no mundo do trabalho de formas variadas, seja no âmbito público ou no privado. Isso tem se dado mais especialmente no âmbito público. De acordo com Marx (2004, p. 80), ao escrever em 1848 a obra *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, ficou por ele estabelecido que o capital como o poder de domínio sobre o trabalho e sobre seus produtos, tem esse poder por ser proprietário do capital.



Certamente há muitas ocupações na esfera da estrita sobrevivência, pois por mais que o capital se expanda não absolutiza a vida social; contudo, o crescente desaparecimento das regulações que caracterizam o trabalho formal é um forte indício da tendência à generalização do trabalho informal.
Tavares (2004)

Portanto, se o capitalista tem esse poder, então é importante destacar o que o autor (2004, p. 111) fala sobre o trabalhador:

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz também a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens. (MARX, 2004).

Neste sentido, Martinelli (2001), esclarece que o capitalismo é um modo de produção que traz em seu bojo a marca da desigualdade, da posse privada de bens, da exploração da força de trabalho. Assim, nesse ritmo de expansão tem como marca registrada a contradição. Segundo a autora:

O século XIX constitui, sem dúvida nenhuma, um importante marco na história do desenvolvimento do capitalismo industrial. Ao longo das cinco primeiras décadas, assistiu principalmente da Europa Ocidental, à consolidação de mudanças que vinham sendo introduzidas pelo capitalismo, desde o último quartel do século anterior. Como uma avalanche, o regime capitalista alterou tudo o que estava em sua volta, impondo uma tessitura de uma nova rede de relações sociais, de um novo ritmo de vida e de trabalho. Revelou, desde logo, que suas influências não se restringiam apenas às relações comerciais ou ao processo industrial; atingiam, isto sim, a sociedade como um todo (Idem, p.69).

Isso implica que instituiu um modo de pensar capitalista a toda a sociedade, transformando relações sociais, trabalho e modos de vida, entre outros.

O desenvolvimento capitalista brasileiro

O capitalismo industrial no Brasil iniciou em relação ao mundo ocidental, com 100 anos de atraso. Segundo Prado Júnior (1998, p. 259-262), em sua obra, História Econômica do Brasil, aponta que a industrialização no Brasil teve maior relevância a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando a Europa passou a preocupar-se com a indústria bélica e reduziu a produção para a exportação.

O Brasil sentindo-se prejudicado, afinal importava produtos de países europeus, passou a incentivar a indústria nacional. Nessa época, os trabalhadores urbanos, segundo este autor, oriundos do meio rural, a maioria advindos de uma economia agrária e escravista, ocupavam os postos de trabalho nas fábricas, tendo longas jornadas de trabalho, salários precários e condições de trabalho desfavoráveis.

A ausência de legislação trabalhista deixava os empregados à mercê dos donos dos meios de produção, que na maioria eram também senhores dos grandes cafezais. Com a crise da bolsa de Nova York em 1929, quando uma grande venda de ações não encontrou compradores, tal fato fez com que os preços caíssem e muitos empresários fossem à falência.

No Brasil, os grandes fazendeiros, os barões do café, os comerciantes, banqueiros, enfim, todos os que haviam investido na bolsa também faliram. Nesse período, houve uma grande onda de demissões de trabalhadores, acompanhando a crise para a classe trabalhadora e suas consequências desastrosas como fome e miséria, que passou a assolar o mundo.

A esse respeito, Lamamoto e Carvalho (2001, p.128), relatam que “a crise do comércio internacional em 1929 e o movimento de outubro de 1930 representam um marco importante na trajetória da sociedade brasileira”, no que se refere a uma reorganização do país nas esferas econômicas e estatais. Representa também a passagem de uma economia baseada na agroexportação, no qual o país estava inserido, desde o século XVI com a monocultura do café, para outras de realização interna.

Segundo os autores, ao comentar acerca do trabalhador industrial, tal fato mostra em que realidade estes viviam:

Historiadores e sociólogos que estudaram a situação do proletariado neste período são concordes em que essa parcela da população urbana vivia em condições angustiantes. Amontoam-se em bairros insalubres junto às aglomerações industriais, em casas infectas, sendo muito frequente a carência [...] de água, esgoto e luz (IDEM, p. 128, 129).

Como os trabalhadores não tinham nenhum direito social no primórdio do capitalismo, eles eram

levados a conviver com uma vida precária sem condições de usufruir do mínimo para sua dignidade.

Grande parte das empresas funciona em prédios adaptados, onde são mínimas as condições de higiene e segurança, e muito frequentes os acidentes.[...] O preço da força de trabalho será constantemente pressionado para baixo daquele nível pela progressiva constituição de um relativamente amplo exército industrial de reserva. (IDEM, p. 129).

Nesse período, estes autores apontam a precariedade das condições de trabalho dessas empresas. Mas, contemporaneamente, ainda se pode encontrar essa precariedade. Naquele tempo não tinha fiscalização dos órgãos públicos ou leis que amparassem os trabalhadores.

O operário contará para sobreviver apenas com a venda diária da força de trabalho, sua e de sua mulher e filhos. [...] Não possuirá também garantia empregatícia ou contrato coletivo [...]. Para suas necessidades de ensino e cultura ficarão, basicamente, na dependência de iniciativas próprias ou da caridade e filantropia [...] serão considerados – quando muito – cidadãos de segunda linha, com direito apenas a resignação. (IBIDEM, p.130).

Diante da exploração e expropriação de seu trabalho e sua condição de vida, os autores apontam que, os trabalhadores passaram a organizar-se para a sua própria defesa e, a partir daí, puderam alcançar várias conquistas, inclusive as trabalhistas.

Outro momento de impulso do desenvolvimento industrial foi o período da Segunda Guerra Mundial, no governo de Getúlio Vargas. Nesse momento, o Brasil tendo dificuldades em importar máquinas e equipamento, passou a produzi-los no próprio país. No pós-guerra, com o funcionamento da Companhia Siderúrgica Nacional, a industrialização teve grande impulso ampliando conseqüentemente o parque industrial. Além disso, desenvolveu-se o setor hidrelétrico e em 1953 foi criada a Petrobrás.

De acordo com Harnecker e Uribe (1980), devido o interesse dos grandes países capitalistas na exportação de capitais, passa a desenvolver a indústria de transformação. As autoras comentam que, a partir da Segunda Guerra, essa nova indústria é manifestada de duas formas: “o capital imperialista investe ou na indústria nacional que nasce nos diversos países ou na instalação de sucursais nesses países”. (HARNECKER e URIBE, 1980, p.24-25).

Dessa forma, os países imperialistas, passam a controlar a economia de outros países, deixando-os à mercê de seus interesses. Portanto, o lucro adquirido é superior ao que teriam em seus países de origem. Afinal, os gastos são bem menores devido aos benefícios que o Estado receptor de países em desenvolvimento lhes oferece. Outro fator a ser destacado, é a concorrência com as indústrias nacionais que não suportam tal pressão.

No governo Café Filho e Juscelino Kubitschek, final dos anos 50-60, o país ganhou novo impulso com o Plano de Metas e a abertura ao capital estrangeiro. Empresas estrangeiras instalaram-se no Brasil, com destaque para a indústria automobilística.

A partir desse período, formava-se o modelo de exploração econômica tendo como tripé, o Estado, o capital estrangeiro e o nacional. As empresas estrangeiras instaladas no país tinham os ‘favores do Estado’, a exploração da mão-de-obra trabalhadora, gerando uma enorme concentração de renda.

Scherer (2005, p. 24), relata que:

O Estado brasileiro, apesar de ter sido obrigado a ‘conceder’ alguns direitos sociais, ratificou um enorme déficit de cidadania. Embora aparentemente situado acima da ordem privada, o Estado brasileiro sempre se colocou a serviço de interesses particulares, como os demais estados capitalistas.

Nem mesmo nas conjunturas excepcionais de crescimento econômico, como nos de JK e na era do milagre brasileiro, a regulação monopolista caracterizou-se pela negação do social. Nessas conjunturas, a internacionalização do capital consolidou-se e as prioridades da agenda pública foram direcionadas para a reprodução do capital e muito pouco para a da força de trabalho.

Nesse período, o Brasil contraiu uma imensa dívida com o capital estrangeiro e ficou dependente da dívida externa, aumentando com isso os problemas já existentes no país, como a pobreza e a grande concentração de renda. O abismo que se formou entre ricos e pobres ficou cada vez maior.

Singer (2003, p. 15), acerca da economia mundial, mas principalmente da brasileira aponta que, na

década de 1970/ 1980, com o 'Milagre Econômico', o número de empregados aumentou como também o momento motivou o êxodo rural.

Ele acrescenta que na década de 1980 ocorreu o inverso, a parcela de empregados em firmas privadas diminuiu. Essa tendência não foi sentida somente no Brasil, mas também em outros países. Nesse período, cresceu também a demanda de trabalhadores autônomos e não-remunerados o que significou uma descentralização do capital.

Conforme o autor, toda a América Latina deu lugar aos projetos de industrialização protegida aos ajustes de integração à economia global. No Brasil a abertura da economia iniciou nos governos Collor de Melo e Itamar Franco. Porém, foi com Fernando Henrique Cardoso que esse novo modelo econômico intensificou-se.

Dentro do próprio país a má distribuição de renda ocasiona, além do grande abismo entre ricos e pobres, ainda gera uma enorme desigualdade regional e, conseqüentemente, social.

Ao fazer referência às realidades regionais, Pochmann (2000, p. 45), faz uma relação entre o crescimento econômico e as taxas de desemprego em países periféricos e comenta que eles "têm o desemprego como um problema constante e enfrentado de maneira inadequada".

De acordo Pochmann (2000, p. 44-45), ao fazer referência aos países formados pelas economias da periferia do capitalismo mundial comenta:

Nesses países, o desemprego tem permanecido como um problema constante, dificilmente enfrentado de forma adequada. Mesmo com a expansão do nível de atividades e a implantação de parques industriais em alguns países periféricos, até o final dos anos 70 não se observam sinais de resolução do problema de escassez de empregos regulares regulamentados.

O problema do Brasil é que essas realidades ocorrem internamente, entre regiões, pois a grande concentração de renda nas regiões Centro/ Sul do país é crucial para o desfacelamento das demais que não conseguem atingir as mesmas taxas de crescimento, conforme ainda o autor.

Outra situação ocorrida com essas pessoas vítimas do desfacelamento social, que não conseguiram nem mesmo se inserir na informalidade, foi a mendicância, o alcoolismo, a prostituição e os que ainda puderam, retornaram às suas cidades de origem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo capitalista vive em constante movimento e metamorfoses e na processualidade dessa dinâmica o mundo do trabalho, principalmente, a grande parcela de trabalhadores que não consegue ser inserida no mercado de trabalho formal tende a buscar alternativas de ocupação e sobrevivência na informalidade.

No entanto, formas de trabalho formal e informal lidam continuamente com a precariedade das condições e das relações de trabalho.

O capitalismo, no anseio de maior lucratividade, passou a compreender o trabalho como emprego e fazer distinção entre trabalhadores, principalmente a partir da revolução tecnológica.

A partir da dificuldade por empregos formais, pela inobservância de direitos trabalhistas e, de outro lado, pela necessidade do homem por sobrevivência, passou-se a aceitar o que parece dar panos para o trabalho informal e precarizado.

Com relação às várias transformações que o capitalismo industrial passou, torna-se indispensável a observância da atual condição em que o trabalhador se encontra.

REFERÊNCIAS

1. HARNECKER, Marta & URIBE, Gabriela. Capitalismo e Socialismo. São Paulo: Global, 1980.
2. IAMAMOTO, Marilda Vilela e CARVALHO, Raul de. Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico metodológica. 14ª edição. São Paulo: Cortez, (Lima Peru); CELATS, 2001.
3. MARTINELLI, Maria Lúcia. Serviço social: identidade e alienação. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.
4. MARX, Karl. Manuscritos econômicos filosóficos. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2004. 2004. 2004. 2004.
5. 2004.

6. POCHMANN, Marcio. O trabalho sob fogo cruzado. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2000.
7. PRADO JUNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1998.
8. SCHERER, Elenise. Baixas nas carteiras: desemprego e trabalho precário na Zona Franca de Manaus. Manaus: EDUA, 2005.
9. SINGER, Paul. Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas. 4ª edição. São Paulo: Contexto, 2003.
10. TAVARES, Maria Augusta. Os fios (in) visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho. São Paulo: Cortez, 2004.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra
Contact-9595359435
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com
Website : www.ror.isrj.org